

Nestes dias de provação, enquanto a humanidade treme com a ameaça da pandemia, gostaria de propor a todos os cristãos que unam e elevem as suas vozes ao céu. Convido todos os chefes das Igrejas e os líderes de todas as comunidades cristãs, juntamente com todos os cristãos das várias confissões, a invocar o Deus Altíssimo e Todo-Poderoso, recitando ao mesmo tempo a oração que Jesus Nosso Senhor nos ensinou. Convido, portanto, todos a fazerem isto várias vezes ao dia.

Papa Francisco, *Angelus*, 22 de março de 2020.



Boletim de Espiritualidade

1 ABRIL 2020
Ano VII Nº 68

68



Novas datas das atividades OCD

Devido à crise de saúde que estamos a viver tivemos que adiar as seguintes atividades:

Escola de Oração

Colóquio Edith Stein

Colóquio Fé, História e Razão em Edith Stein
12 dez. 2020 NOVA DATA

1º Painel - Questões histórico-filosóficas
> Novidades da pedagogia em Edith Stein | Teresa Sousa
> A importância de Edith Stein para a obra do filósofo Alasdair MacIntyre | Joana Monteiro
> A fenomenologia na vida de Edith Stein | Maria Paula Figueiredo

2º Painel - Questões teológico-espirituais
> Fenomenologia e analogia: um percurso racional de fidelidade ao homem e a Deus | Etelvina Nunes
> Edith Stein, uma santa para o mundo contemporâneo | Rui Guerra
> Edith Stein, uma contemplativa | António José Machado

moderadoras
Teresa Sousa | P. Joaquim Teixeira, OCD

Domus Carmeli | FÁTIMA
domus@domuscarmeli.net | www.domuscarmeli.net

ORDEN DOS CARMELITAS DESCALÇOS

Colóquio sobre Edith Stein, programado para o dia 14 de março de 2020, fica reagendado para o dia 12 de dezembro de 2020.

Rumos

RUMOS
Sequência de 4 encontros para clarificar um rumo para a tua vida.

retiro
3_5 jan 2020
3_5 abr
4_6 set

momentos orantes
testemunhos
temas
casais partilha
caminhada
sacerdotes
convívio
Eucaristia
diálogo religioso
vigília de Oração

Inscrição
amento 30€
carmelitas.pt

Domus Carmeli
Fátima

Rua do Imaculado Coração da Maria, 17
Cova da Iria | tel. 249 530 650
facebook.com/carmelitas.descalcos.portugal
www.carmelitas.pt

O Rumos agendado para os dias 3 a 5 de abril de 2020 foi cancelado e recordamos o novo encontro para os dias 4 a 6 de setembro de 2020, como já estava programado.

comunicamos NOVAS DATAS

uma escola de oração para iniciar na experiência de Deus

atividades formativas

Organização | Colaboração |

ORDEN DOS CARMELITAS DESCALÇOS

CATOLICA FACULDADE DE TEOLOGIA

www.escoladeoracao.pt

- O módulo da Escola de Oração, de Formação de Formadores, programado para os dias 27 a 29 de março de 2020, transita para os dias 22 a 24 de janeiro de 2021
- O 4º módulo da Escola de Oração, programado para os dias 24 a 26 de abril, transita para os dias 25 a 27 de setembro de 2020
- O 5º módulo da Escola de Oração, programado para os dias 29 a 31 de maio de 2020, transita para os dias 20 a 22 de novembro de 2020
- O retiro da Escola de Oração agendado para os dias 25 a 27 de setembro de 2020, transita para os dias 26 a 28 de fevereiro de 2021

VIII Congresso de espiritualidade

para uma conversão interior ecologia integral

16_18 outubro 2020

Organização
Institutos de inspiração carmelita e teresiana

Domus Carmeli | FÁTIMA



Cruz, outra palavra para amor

Armindo Vaz, OCD

Na Semana Maior da história e da fé cristã, quando o tempo celebrativo se dilata para podermos acompanhar, em casa, quase hora a hora, a última semana da vida de Jesus, alguém perguntará, também provocado pelo novo vírus destruidor: porquê Jesus se deixou morrer na cruz, quando tão facilmente teria podido evitar essa morte atroz? Bastaria fazer um acordo de não-beligerância com os poderes instituídos do tempo, que decidiam sobre a vida e a morte das pessoas incómodas! Bastaria – e seria tão fácil! – renunciar à exigência de justiça, bondade, compaixão, amor de cada um para com todos.

Jesus não quis morrer na cruz para se mostrar, mas para mostrar quanto Deus ama todas as pessoas, indistintamente das razões que elas dão para serem amadas: a razão de Deus para amar é o amor. Morrendo a perdoar e a mostrar amor dava razões às pessoas para sussurrarem: olhem como ele ama! Realmente assim ele mostrava-se solidário também nessa situação por que passam todos os humanos: a da morte. Como sofrendo o medo e a angústia perante a morte à vista quis estar comigo quando agora me aflijo diante da morte pandémica, morrendo quis estar comigo quando eu morrer: grande alívio! é a minha salvação! A nobreza do amor é a de total solidariedade, é estar onde está a pessoa amada, muito especialmente quando ela é atormentada pela dor, desejando mesmo tomar para si essa dor para que não sofra a pessoa amada. Foi isso que Jesus fez: entrou no mistério da morte para tirar de lá as pessoas que ama e “para iluminar os que habitam nas trevas e na sombra da morte” (Lc 1,79). Aqui vem inevitavelmente à memória a poesia entranhável do convertido Paul Claudel: «O amor gerou a dor [levou à cruz] e a dor fez mais amor [também enquanto manifestado]». À volta destes dois pólos gira toda a vida humana (dor e amor): e para que o da dor faça sentido e entre no mistério da salvação da vida, terá de ser absorvido pelo do amor. A paixão de Jesus por amor é a prova real de um Deus apaixonado pelos humanos: essa é a lei da gravidade do seu existir. A cruz é o lugar onde o amor gritou mais alto e onde Deus mais se identificou com o amor. Lá, o amor foi tão intenso e copioso que transbordou para os que a ele aderem (pela fé) e se deixam contagiar por ele: “O amor é de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conheceu Deus; quem não ama não conheceu Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,7-8). Ou seja, na cruz ficou demonstrado o que é amor supremo. E para quem compreende e confessa esse amor, “Deus habita nele e ele em Deus” (1Jo 4,15), também nesta situação de impotência face à pandemia.

Perante este «excesso do amor», o que se espera não é “tapar o rosto para não vê-lo [o Desprezado e marginado, homem de dores, familiarizado com o sofrimento]” (Is 53,3). O que é suposto é contemplá-lo para entranhar e aprender a *lição do amor* e escutar o crucificado a segredar, também aos assustados com o *demónio* de hoje: «Eu amo-te». “Na hora da cruz..., neste amor que não se subtraiu à morte para me manifestar quanto me ama, é possível crer” (Papa Francisco, *Lumen fidei*, 16). Da contem-



plação de Jesus crucificado nasce o discípulo amado e amante.

Em Jesus o amor morreu, como morreu o filho do homem e Filho de Deus. Então, não deveria acabar tudo ali? Para a fé cristã, não. Ao morrer por amor, Jesus não estava sozinho: “inclinando a cabeça, entregou o Espírito” ao Pai (Jo 19,30), de quem o tinha recebido quando fora concebido no seio da mãe (Lc 1,35). O Espírito é precisamente o Amor do Pai, o Amor *pessoal* que liga o Pai ao Filho e com que o Pai ama o Filho. O Amor-Espírito com que Jesus amou e foi amado, unido ao do Pai, era tão sublime e tão poderoso que tirou Jesus da morte: “o Espírito d’Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos” (Rm 8,11). Realmente, «Omnia vincit amor! O amor triunfa de tudo!» – já declamavam os clássicos latinos, noutro sentido (Virgílio, *Bucólicas* X, 69). O Espírito criador e vivificador do Pai fez passar Jesus directamente da morte para a vida nova sem fim, porque o Amor-Espírito do Pai é necessariamente amor eterno. Também o sugere a filosofia: “amar uma pessoa não é dizer-lhe implicitamente: tu, tu não morrerás?” (*Tu ne mourras pas* – livro do filósofo Gabriel Marcel).

Foi a esse acontecimento teológico que os discípulos chamaram *ressurreição*. Era a vitória da cruz e do amor: o amor na cruz provocou a ressurreição. Só o amor é credível e convincente. Só o amor consegue responder a outro amor e à morte por amor. Então só o amor desvela o mistério da ressurreição real de Jesus: realizada pelo Espírito do Pai, foi a resposta devida ao Filho. Foi a aprovação divina de tudo o que Jesus fez na sua vida e a consagração do sentido de uma vida e de uma morte dedicadas ao amor e à promoção do amor.

Transmissões online

www.multimedia.carmelitas.pt



Nestes tempos em que os fiéis se vêm privados da Eucaristia também a Ordem dos Carmelitas Descalços, que vinha oferecendo diariamente várias orações transmitidas online, agora partilha também duas eucaristias diárias. Assim, atualmente oferecemos as seguintes celebrações diariamente:

Durante a semana

- 08h00 – Eucaristia (Carmelo de S. José)
- 09h00 – Oração de Laudes
- 18h15 – Oração de Vésperas
- 19h00 – Eucaristia (Santuário do Menino Jesus)
- 22h00 – Oração de Completas

Aos domingos

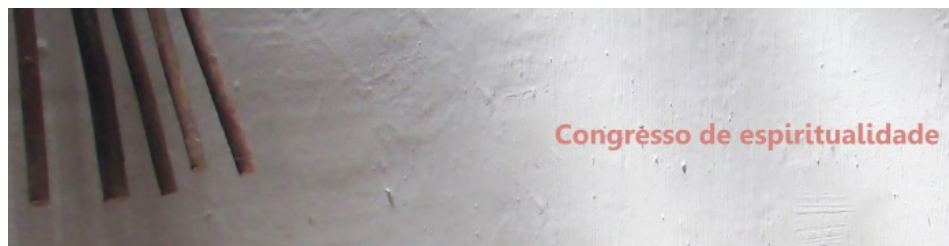
- 09h00 – Oração de Laudes
- 12h00 – Eucaristia (Carmelo de S. José)
- 18h15 – Oração de Vésperas
- 19h00 – Eucaristia (Santuário do Menino Jesus)
- 22h00 – Oração de Completas

Estas celebrações serão transmitidas no nosso site www.multimedia.carmelitas.pt e nas redes sociais, Facebook: [carmelitas.descalcos.portugal](https://www.facebook.com/carmelitas.descalcos.portugal) Youtube: [carmelitas descalços](https://www.youtube.com/c/carmelitasdescalcos) Twitter: [@AmigosOcd](https://twitter.com/CarmelitasDescalços)

Pontuais alterações a estes horários serão comunicados nas respetivas plataformas.

Congressos de Espiritualidade

Vídeos



Disponibilizamos ainda os vídeos das conferências dos Congressos de Espiritualidade que os Institutos Religiosos de inspiração carmelita e teresiana têm realizado nos últimos anos em Fátima. Pode encontrar estas gravações aqui <https://www.multimedia.carmelitas.pt/congressos>

Desejamos que possam aproveitar bem estes conteúdos a fim de nos formarmos e criar uma nova grelha de leitura da realidade que nos envolve e da qual também somos atores e não apenas espectadores.

Revista de Espiritualidade

Acesso livre



Este tempo de maior recolhimento nas nossas casas e comunidades precisa de uma maior oferta de bons conteúdos para alimentar a nossa mente e o nosso espírito. Assim,

decidimos disponibilizar de forma livre o acesso a alguns números da Revista de Espiritualidade que os Carmelitas Descalços editam em Portugal e que pode consultada aqui <http://www.carmelitas.pt/site/espiritualidade/re.php> Convidamos sobretudo a consultar o último número sobre as «Fontes da Alegria».

Leónia Martin

Uma irmã de Santa Teresinha a caminho dos altares



A santidade de Leónia Martin é muito humana, muito acessível a todos e todos podem nela encontrar uma amiga e uma ajuda para percorrer o seu próprio

caminho de santidade à qual todos somos chamados...

A santidade não é algo que se conquiste. É um dom de Deus que se aceita e que cada um deve desenvolver em si. Só Deus é santo, só Deus é a perfeição. Mas porque «criados à Sua imagem e semelhança», Ele chama-nos à santidade. Isto é, a acolher em nós a santidade que Ele é, deixando-nos conduzir pelo Espírito Santo... A santidade nada mais é que «realizar plenamente a nossa graça batismal de filhos de Deus, ser movidos perfeitamente nos nossos atos nesta terra, pelo Espírito de Deus». E isto aplica-se sublimemente na vida e na história de Leónia Martin.

Publicação: Edições Carmelo



Atualidade de Isabel da Trindade

Jeremias Carlos Vechina, OCD (1938-2016)

Também o consumismo se está a apoderar da Espiritualidade. As publicações, livros e artigos sucedem-se a um ritmo difícil de acompanhar. Congressos e seminários sobre espiritualidade estão na ordem do dia. Há uma incontínência verbal doentia. Perante esta situação é hora de parar e fazer silêncio para realizarmos uma leitura repousada e profunda dos acontecimentos.

Torna-se necessário um olhar contemplativo sobre os movimentos espirituais que estão aí na praça pública. Eis aqui o profetismo de Isabel da Trindade: a sua vida e palavra de mulher crente são uma orientação clara e simples no dealbar deste novo milénio.

Os místicos estão de volta

Esta é uma realidade fácil de constatar: os místicos estão de volta. Mas quando falamos de místicos não estamos a pensar em fenómenos estranhos, como podem ser os êxtases e levitações, chagas e estigmas, revelações e visões. Existiram grandes místicos que não tiveram estas coisas.

Falar de fenómeno místico, a meu modo de entender, é falar duma profunda experiência de Deus. E esta experiência de Deus é conatural a todo o batizado. Se a semente da graça nascida em nós no dia do nosso batismo, pela palavra viva e eterna, se desenvolver conforme o seu dinamismo interno levará consigo a experiência de Deus. O batizado possui uma semente mística posta por Deus no dia do seu batismo. Esta graça inicial, com a ajuda de Deus, principalmente, e com a nossa colaboração, abrir-nos-á à experiência de Deus.

O místico, pessoa de experiência de Deus, é um irmão entre irmãos, é como um profeta que fala de Deus e do seu mistério com palavras de fogo, postas por Deus na sua boca, como dom precioso para a Igreja e a humanidade.

A crise do racionalismo e do pensamento débil suscitaram um grande apreço pelos místicos. Eles falam com palavras verdadeiras e convincentes. O seu discurso não é fruto dum raciocínio, mas nasce da fonte da sua experiência religiosa. O seu argumento sobre Deus é que eles O encontraram e saborearam na sua vida. Viveram com Deus como companheiro, amigo, esposo enamorado e irmão.

Surpreendem e impressionam as palavras que escreve Fernando Sebastián Aguilar, acerca do falar e dar testemunho de Deus na Igreja e no mundo. Os místicos falam-nos de Deus de forma “descarada”, sem respeitos humanos, abertamente, e é disto que nós precisamos.



“Neste momento o testemunho da Igreja sobre Deus resulta especialmente necessário e urgente já que nenhuma instituição faz brilhar a presença de Deus. Ninguém fala d’Ele, ninguém O aponta e muito poucos se interrogam verdadeiramente acerca d’Ele. Por mais que Deus esteja ao nosso lado e nunca nos abandone, se ninguém O nomeia e ninguém O recorda, pouco a pouco se irá afastando de nós, ou melhor dito, nós nos afastaremos d’Ele, e iremos aprendendo a viver pacificamente como se não existisse, entregues aos bens do nosso mundo e suportando como algo normal as angústias e as perturbações que nos produz esta ausência fundamental”¹.

Na nossa Irmã Isabel da Trindade brilha a presença de Deus. Se nós nos abeiramos dela é porque nos contagia a sua fé e nos acompanha no nosso caminho para Deus e para o mundo. Ela não só nos situa perante Deus mas também perante as realidades deste

¹ FERNANDO SEBASTIÁN AGUILAR, *Hablar de Dios en la Iglesia del futuro*, em “La Iglesia en España 1950-2000”, PPC, Madrid, 1999, 253.

mundo. Os seus escritos ressumam experiência simples de Deus. Aquilo que ela viveu contagia e é esta realidade que ela quer transmitir ao leitor. Isabel envolve-nos na sua mesma atmosfera.

Esta tarefa exerceu-a Isabel com tantas gerações de Carmelitas que através de um século se abeiraram da sua figura. A sua influência estendeu-se para fora do mundo carmelitano: religiosos, religiosas e sacerdotes sentiram a brisa do Espírito quando se aproximaram dos seus escritos. É pena que a figura de Isabel não tenha calado mais profundamente no mundo laical. A maior parte da sua vida transcorreu como leiga na cidade de Dijon. De vinte e seis anos de existência vinte foram passados no mundo. Até mesmo os seus escritos, a maior parte, estão dirigidos a leigos.

Nos tempos que correm em que os leigos se afirmam no campo da teologia e da pastoral, os escritos da Irmã Isabel podem ser um farol luminoso para descobrir Deus no concreto da vida e desta maneira serem uma “humanidade de acréscimo” no mundo e na sociedade dos nossos dias.

A sociedade em que vivemos está em sintonia com outras realidades do mundo que não são as do Evangelho. A indiferença e o agnosticismo estão presentes por todas as partes, até mesmo no coração dos crentes. A Igreja, consciente da situação, está a responder com uma Nova Evangelização. Neste contexto a Irmã Isabel é palavra oportuna porque nos anuncia o encontro que teve com Deus, encontro este que constituiu a alegria maior da sua vida.

A sua espiritualidade é a medicina certa para todos, mas principalmente para aqueles que voltam à religião, mas a uma religião, muitas vezes, sem Deus. Chamam a atenção estas palavras do teólogo J. B. Metz:

“De certa maneira vivemos numa era da religião sem Deus. Portanto, a frase chave poderia ser esta: «religião, sim, Deus não», mas sem que esse «não» se entenda categoricamente, como o entendem os grandes ateísmos. Já não há grandes ateísmos. A polémica sobre a transcendência parece estar já fora de lugar. Apagou-se definitivamente o rescaldo do mais além. Se nos anos 60 foi trasladado, polemicamente, para o futuro, vemos que agora, em sentido terapêutico, traslada-se para a psique. Desta maneira, hoje, torna-se a pronunciar o nome de Deus – distraída ou serenamente – nas conversas das tertúlias ou sobre o sofá do psicanalista, no discurso estético ou de qualquer outra maneira, mas sem se referirem a Ele realmente, entendendo-O como uma simples metáfora. A religião como nome do sonho dum felicidade sem sofrimentos, como feitiço mítico da alma, como jogo postmoderno de missangas: sim! Mas, onde está o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, o Deus de Jesus?”².

Não é difícil encontrar pessoas que se consideram crentes e ao mesmo tempo profundamente críticas com as instituições religiosas. Contudo este grupo nutre simpatia pelos místicos.

“A mística suscita atualmente uma grande curiosidade, inversamente proporcional à alergia provocada pelas instituições eclesiais. Muitos julgam essas instituições arcaicas pela incapacidade de responder à fome espiritual que marca o fim do século. O desejo visa o imediato de Deus. Nesta perspectiva, muitos acham que as Igrejas são fontes de violência por causa da sua intransigência dogmática ou prática, e porque não favorecem a experiência espiritual. Se todos concordam que as instituições eclesiais estão em crise, poucos explicam o interesse voltado para a mística recusando as Igrejas... Deus só pode ser encontrado onde se vive em liberdade”³.

O místico coloca a experiência do mistério no centro da religião e, por conseguinte, situa quem a vive na melhor disposição para valorizar a vida religiosa, seja qual for o lugar em que se possa encontrar.

Isabel da Trindade leva-nos a experimentar a Deus no quotidiano da vida. É perigoso falar e encontrar Deus unicamente e exclusivamente na Igreja, ao fumo das velas, como se o resto da vida não tivesse nada a ver com o divino. Se assim fosse chegaríamos a considerar a Deus num espaço muito determinado, deixando o resto da jornada vazia de Deus e da experiência religiosa.

Isabel da Trindade é nossa contemporânea. A nossa fé debate-se na dúvida e na noite. Muitos crentes poderão viver perturbados pelas dúvidas que os assaltam e pelas trevas que deles se apoderam nos momentos mais religiosos e sagrados. Este foi o pão quotidiano de muitos místicos e concretamente de Isabel. Eles recordam-nos que a nossa maturidade espiritual se mede pela quantidade de dúvidas que somos capazes de suportar. Cristo crucificado e abandonado é o modelo de toda a mística cristã, contudo, Ele sente-se nos últimos momentos da sua vida abandonado do Pai e dos seus. N’Ele, Isabel da Trindade encontrou a forma mais profunda de confiança e abandono em Deus.

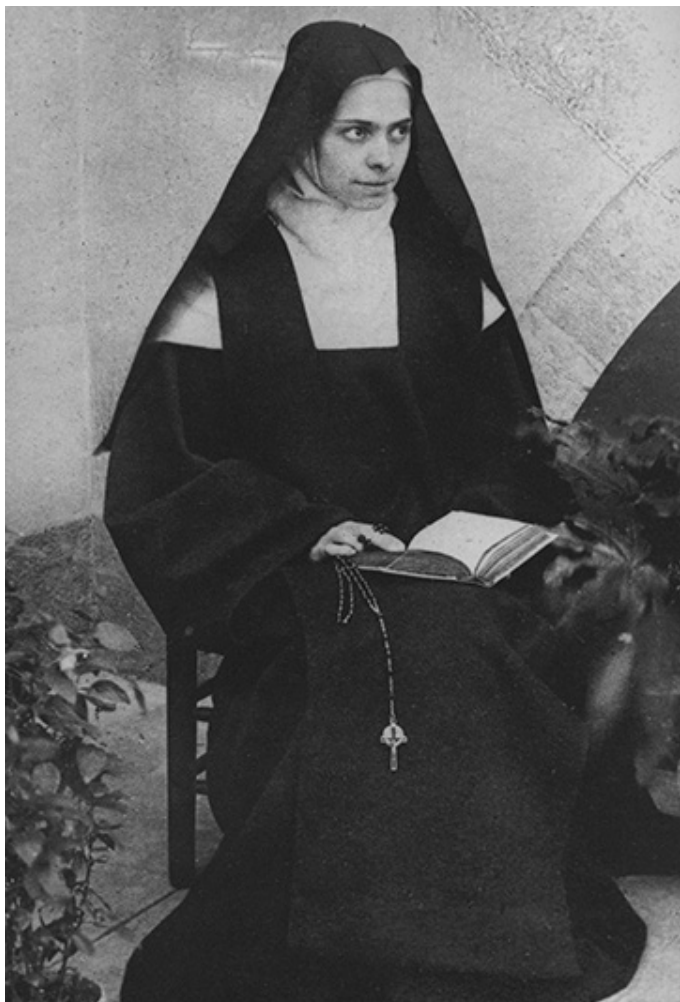
A espiritualidade de Isabel está imbuída dum sentimento de plenitude experimentada na contemplação da natureza. A experiência vive-se como totalizadora no sentido de viver na presença da natureza como um todo e sentir o próprio sujeito feito essa totalidade, totalmente integrado nela.

O despertador dessa consciência pode ser qualquer sentido: a visão dum paisagem, a escuta de uma música, etc. mas o resultado transcende o captado pelo sentido e pela sensação que procura: é toda a pessoa que vê, ouve e gosta; e vê, ouve e gosta tudo ao mesmo tempo⁴.

² Citado por T. CATALÁ, *Oración y experiencia de Dios hoy. Aspectos cristológicos y socioculturales*, em “Sal Terrae” 86/11 (1998) 870.

³ *Concilium*, 254/1994/4.

⁴ Cf. MARTIN VELASCO, *El fenómeno místico*, p. 322.



Esta experiência é totalizante no sentido, em que engloba toda a pessoa. O místico, nesta relação profunda com Deus, joga tudo por tudo, põe toda a carne no assador. Não se dá a meias. É interessante observar as vezes que a palavra “tudo” aparece na linguagem dos místicos para exprimir o que ele está a viver.

Esta experiência é uma realidade que vem do alto, não é provocada pelo sujeito., embora a isso se prepare e disponha, mas é uma realidade de graça que acontece na pessoa e esta recebe como dom gratuito. A iniciativa é sempre de Deus. Por isso São João da Cruz é capaz de afirmar: “se a alma procura”.

Isabel vive para além de todo o moralismo. Ela sente-se inundada por um abismo de amor que a acolhe com a simplicidade de uma criança. Ela, levada pela mão de São João e São Paulo, descobre que a vida do cristão tem que estar fundamentada numa invasão de amor que nos persegue e seduz. Numa época em que Deus era apresentado com frequência como juiz severo, ela proclama com a força dum profeta que experimentou a realidade do amor.

“Se não tivesses sido por Ele... mas, já vedes, não se pode resistir à sua chamada. Ele cativa, prende. Uma pessoa já não se pertence mais, é a presa do seu amor. Pode haver desgarramento no coração, mas na alma reina uma paz inefável, uma felicidade que não se parece à deste mundo” (C 171).

“É tão belo dar quando se ama, e eu amo muito a este Deus que está cioso de me possuir toda para Si, sinto tanto amor sobre a minha alma. É como um oceano em que me submerjo e me perco: é a minha visão na terra, enquanto espero o face a face na luz. Ele está em mim, eu estou n’Ele. Não tenho outra coisa a fazer senão amá-l’O, deixar-me amar sempre, através de todas as coisas: acordar no Amor, mover-se no Amor, dormir no amor, a alma na sua Alma, o coração no seu Coração, os olhos nos seus olhos, para que pelo seu contacto Ele me purifique e me liberte da minha miséria” (C 177).

Não há dúvida, que esta é a primeira e a mais fundamental experiência de todo o crente: sentir-se acolhido por um amor maior na sua realidade de criatura. Quem confia nas suas próprias obras, sempre se encontrará com a amargura da debilidade e da limitação humana. Mas aquele que colocou o seu olhar no amor que Deus nos tem e que se manifestou em Jesus Cristo, construiu a sua casa sobre uma rocha firme. Imbuída desta perspetiva de amor, Isabel vai contemplar a Encarnação, o batismo, a Eucaristia, a sua própria vida... Tudo é amor, manifestação de amor e uma ocasião para amar.

Por ter acreditado no amor, aparece nos seus escritos algo que é preciso realçar: permanecer no amor, até mesmo nos momentos de debilidade e abandono como uma criança nos braços de sua mãe. Daqui ela deduz conclusões práticas para que a vida do cristão não fique paralisada por uma visão pessimista. Há situações em que se experimenta profundamente a miséria e a pobreza, então, a palavra profética de Isabel dá-nos alento para continuar a esperar e confiar no amor de Deus.

Originalidade de Isabel da Trindade

1. Temos o seu carisma particular de sã interioridade e atenção amorosa a Deus, carisma complexo, que encerra muitos aspetos.

A alta estima que ela tem de Deus leva-a a não só construir uma hierarquia de valores que culmina em Deus, primeiro valor, mas também a impele a deixar tudo, enquanto é possível, para dar-se a uma existência de adoração gratuita. A vida contemplativa, vivida com intensidade e fé, remete à realidade de Deus. A autenticidade do amor de Isabel reforça a credibilidade de quanto precede.

O generoso recolhimento de Isabel impressiona pela sua qualidade, até no Carmelo, onde a procura de Deus (que é ao mesmo tempo oração eclesial) está recomendada com tanta insistência por Santa Teresa.

Teoricamente nós podemos perguntar: o que é que pertence a uma natureza muito dotada para a contemplação e a admiração e a graça de Deus que faz com

que ela O escolha a Ele antes que as expressões egoístas do eu?

Na realidade todos estes componentes fundem-se harmonicamente na vida desta jovem. Isabel é a fidelidade a um carisma desenvolvido através de todos os dons da sua natureza e da graça. Por isso é profeta, mas convertida em Santa é fiel ao Evangelho até às fibras mais finas da existência concreta, mediante o desenvolvimento de um dom existente em cada um de nós que é o amor.

Estamos convencidos que Isabel ainda apresenta outro aspeto profético na doçura e suavidade com que vive este surpreendente recolhimento. Nela não existe nenhuma aspereza, dureza, críspação, a não ser nalguns breves períodos de transição, porque também ela teve de lutar.

Há no seu silêncio uma liberdade que já tinha adquirido quando vivia no mundo. O próximo não se sente rejeitado, pelo contrário, é atraído para o Mistério. Descobre-se nela uma excepcional aliança entre mística e humanismo, atenção a Deus e sentido profundo da amizade, cujo exemplo mais claro é a maneira de comportar-se com a sua Prioressa, Madre Germana de Jesus.

Certamente Isabel aprendeu na escola de Jesus, talvez, sobretudo, nas visitas do Mestre a Betânia, algo que ela gostava de contemplar com particular amor. Isabel vislumbrou no coração de Deus: “no céu, a unidade”, disse pouco antes da sua morte (R 254). Se as testemunhas repetem em coro o epíteto “recolhida”, juntam a ele outros adjetivos: simples, alegre, amável, serviçal. Para compreender a fundo este profeta da presença de Deus, não podemos separar os seus escritos, onde inculca a proximidade de Deus, da sua vida fraterna de cada dia. Escritos, palavras, ações formam um todo na sua vida.

Como contemplativa, o seu papel não é o de falar, trabalhar, aparecer ao exterior. A sua tarefa é a de “estar junto à fonte”:

“há duas palavras que para mim resumem toda a santidade, todo o apostolado: União, Amor” (C 191).

Embora Isabel sinta menos necessidade de reafirmar a utilidade apostólica da sua vida que a irmã Teresa de Lisieux – espírito mais inquieto, temperamento mais conquistador – também ela é consciente que se encontra “no grande campo da Igreja” (C 191). Fazendo profissão de vida contemplativa, ela continua a ser aquela que, nos tempos do seu *Diário* de juventude, se consumia pelas “almas” e orava com tanto ardor pela conversão de M. Chapuis como Teresa por Pranzini.

Isabel está convencida que uma filha de Santa Teresa de Jesus

“deve ser apostólica: todas as suas orações, todos os seus sacrifícios tendem a isto” (C 136).

Isabel moribunda, enunciará os dois fins da sua vida (“Glória de Deus” e “Igreja”) num mesmo impulso do coração:

“Oh Amor! (...). Esgota toda a minha substância na tua glorificação; que se destile gota a gota pela tua Igreja” (R 256-257).

2. Isabel ultrapassa também a espiritualidade do seu tempo *ao aproximar-se com tanto entusiasmo como amorosamente da Trindade*. Isabel é deslumbrada por Deus, que, por elevado e imenso que seja, não é solitário na sua grandeza, mas Comunhão de Amor, Três numa união que ultrapassa toda a inteligência, criando o homem e convidando-o a viver e a atuar n’Ele, o Amor. Para ela a santidade de Deus deslumbra com um amor infinito. Aproximar-se d’Ele é libertar-se do mal que há em nós, incendiando-se no fogo do Espírito.

A sua tarefa não consistirá em raciocinar teologicamente sobre o mistério da vida intratrinitária. A sua vocação consistirá na ação de graças pelo amor dos “Três”, a admiração da sua beleza, o dom irrevogável de si à menor manifestação do seu desejo. Aquilo que Isabel tem que valorizar é, antes de mais nada, a misericórdia da Trindade, a sua “filantropia”, como diz São Paulo (Tt 3, 4), “o seu amor pelos homens”. Isabel gosta de falar de Deus “todo Amor”, inclinado sem cessar sobre a obra das suas mãos, Ele que jamais nos abandona: habita em nós, quer que o amemos, quer dar-nos a vida – para sempre –, quer transformar-nos n’Ele, deificar-nos. É o céu, “que o Espírito cria em ti”, exclama! (C 239).

Com os olhos do coração, Isabel segue o duplo movimento descendente e ascendente da dinâmica do amor de Deus ao homem. O Pai envia o seu Filho para viver entre nós. Jesus perpetua a sua obra, a sua presença, o seu amor humano na Igreja, particularmente por meio da Eucaristia. O Pai e o Filho enviam-nos o Espírito, habilitando-nos deste modo para que a vida de Jesus se manifeste na nossa vida e irradie nos outros através de cada um de nós. Se vivem em nós, não é só para nos fazer felizes na fé do seu amor e na sua proximidade, mas, sobretudo, para que pacientemente e em livre colaboração, a nossa existência se transfigure numa vida “esquecida e livre de si mesma”, como a de Maria (EU 40), e para bem dos demais. Então o Espírito cantará nos nossos corações cada vez mais intensamente “o louvor” do Deus Amor (Ef 1, 12).

Na sua relação trinitária, Isabel é sempre cristocêntrica. Desde a sua infância esteve profundamente tocada pelo dom total que Jesus nos manifesta na cruz e na eucaristia. A sua oração como carmelita será, sobretudo, escutar o “Mestre”. E no entardecer da sua vida, a mística Isabel pronunciará esta palavra emocionada, enquanto aperta o crucifixo da sua profissão contra o seu peito: “amamo-nos tanto” (R 246). A transformação em Deus far-se-á pela conformação ao crucificado.

3. Isabel à sua maneira, foi também uma pioneira na redescoberta da *Sagrada Escritura como carta de vida*

cristã. Nós, hoje, temos certa dificuldade em compreender quão diferente era a situação a princípios do século XX, no que diz respeito ao uso da Sagrada Escritura. Então a Bíblia era muito menos conhecida e lida pelos católicos.

O P. Conrad Meester († 2019) conta que ouvia dizer com muita frequência aos sacerdotes: “era muito pouco o que recebíamos, noutra tempo, no nosso curso de Sagrada Escritura... Foi Isabel que me abriu as portas de S. Paulo”.

É evidente que S. Paulo não era desconhecido. Mas o Espírito desenvolveu no coração de Isabel, pouco culta, neste campo, um carisma particular para compreender desde dentro, gostar, viver os admiráveis desígnios do amor divino que Paulo e João desvelaram ante os seus maravilhosos olhos. Sem ter lido livros de exegese, pobres e raros no seu tempo, penetrou nos textos por simpatia interior e traduziu-os na vida. Fundamentou a sua contemplação e a sua doutrina na palavra revelada, vivificada pelo contacto com o Verbo de Deus.

É isto que dá aos seus escritos vigor e vida, profundidade e horizonte. Com toda a simplicidade e clareza, os seus escritos inscrevem-se nas perspetivas fundamentais do cristianismo. Se tivéssemos de qualificar a sua pessoa e mística com uma só palavra, diríamos que Isabel é essencialmente “*cristã*”. Situa-se, como diz Von Balthasar, na objetividade da mensagem e na universalidade do mistério de Cristo. Isto não quer dizer que Isabel se pronuncie sobre todos os aspetos do cristianismo. Não era esta a sua finalidade. Toda a sua obra é um facho de luz, que salta espontâneo por ocasião de circunstâncias concretas. Deixa falar o seu coração sobre aquilo que lhe parece o mais belo na existência: a loucura por Cristo e a resposta ao amor que Deus nos manifesta.

Isabel nunca intentou fazer uma síntese, embora tivesse uma profunda intuição do essencial. Por isso, para entendermos a sua mensagem temos que ter em conta a vida dela. A sua mensagem é inseparável do conhecimento da sua vida. Os seus escritos nunca teriam tido esta força, este acento de autenticidade, esta ressonância, se não fosse pelo clima “vital” que emana deles. O testemunho por excelência de Isabel da Trindade é a sua forma de viver.

4. Isabel, freira carmelita até à medula, por utilizar uma expressão comum, tem também, paradoxalmente, uma palavra a dizer sobre a espiritualidade laical, tarefa que terá que prosseguir, hoje, mais do que nunca.

Confessando a sorte de ser Carmelita, Isabel sobrepasa as formas exteriores e fixa-se naquilo que é a riqueza comum de todo o cristão, já seja no convento, já seja na constante atividade de quem vive em pleno mundo:

- o desejo que Deus tem de dar-se,
- o nosso batismo,
- a Eucaristia,
- o nosso destino para além da morte,
- a presença universal de Deus,
- a realidade dos “três”,
- a alegria de sermos filhos queridos e amados de Deus amor,
- e esta alegria que nos impele a dar-nos aos outros.

Daqui podemos concluir que a sua mensagem tem um alcance universal.

Além disto, não esqueçamos que muitos dos seus escritos estão dirigidos a leigos. Entre os 59 destinatários dos mesmos, contam-se seis sacerdotes ou seminaristas e 13 religiosas contra 40 leigos (31 nas suas cartas escritas desde o Carmelo). Dirige-se a uma viúva, a mães de família, a um jovem amigo, ao seu doutor, a suas amigas ... E todos compreendiam perfeitamente o que Isabel lhes queria dizer. As diferenças são simplesmente exteriores.

Não esqueçamos também – é importante referi-lo – que Isabel viveu como jovem leiga o que mais tarde escreve como Carmelita. Antes de entrar no Carmelo, simples jovem, viajando, em grupo, em casa, ao piano, vivia já “no interior”. Sentia-se conduzida e atraída pela presença de Deus e correspondia a ela com uma generosidade sem limites.

Uma parte considerável dos seus escritos data precisamente deste período da sua juventude. Eles revelam-nos uma jovem santa no mundo, atenta aos outros e que vive já a sua “paixão por Deus” (C 136) no pequeno “quarto” do seu coração.

Como Teresa do Menino Jesus, e em parte influenciada por ela, Isabel descarta uma certa conceção exótica da “santidade” e repete-nos que para viver o Evangelho a fundo não se requerem condições especiais e manifestações extraordinárias.

Quando no umbral do Carmelo, lhe perguntam: “Qual lhe parece ser o ideal da santidade”, ela responde: “viver de amor”. E qual “o meio mais rápido para chegar a Ela?”. “Fazer-se pequenina, entregar-se para sempre” (NI 12).